



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

O homem na cidade moderna: Walter Benjamin e uma leitura crítica dos contos de detetive de Edgar Allan Poe

Fabiana de Lacerda Vilaço¹

Resumen:

Proponho apresentar e comentar estudos empreendidos na pesquisa que estou realizando no mestrado, cujo objetivo é fazer uma leitura crítica dos três contos de detetive de Edgar Allan Poe “The murders in the rue Morgue”, “The mystery of Marie Rogêt” e “The purloined letter”, à luz dos comentários sobre a obra de Poe feitos por Walter Benjamin, especialmente em Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São de especial importância seus apontamentos sobre a existência do indivíduo na cidade e o apagamento de sua individualidade na massa, sobre a evolução dos meios de divulgação da notícia e da literatura e sobre o surgimento das histórias de detetive neste contexto. Embora referindo-se frequentemente ao conto “The man of the crowd”, as observações de Benjamin têm mostrado ter consequências muito importantes para a leitura dos contos de detetive. Como a pesquisa ainda não está concluída, a apresentação abordará os estudos realizados até aqui e as perguntas que tem se colocado para a sua continuação.

¹ USP-FFLCH-Letras, fabianavilaco@hotmail.com



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

O homem na cidade moderna: Walter Benjamin e uma leitura crítica dos contos de detetive de Edgar Allan Poe

Este texto apresenta apontamentos que fazem parte de um estudo sobre os três contos de detetive do contista, crítico e poeta norte-americano Edgar Allan Poe — “*Murders in the rue Morgue*”, “*The mystery of Marie Rogêt*” e “*The purloined letter*”, em ordem de publicação —, à luz dos comentários sobre a obra de Poe feitos por Walter Benjamin, especialmente em *Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São de especial importância seus estudos sobre a existência do indivíduo na cidade e o apagamento de sua individualidade na massa, sobre o desenvolvimento dos meios de divulgação da notícia e da literatura no século XIX e sobre o surgimento das histórias de detetive neste contexto. Mesmo quando se referem ao conto “*The man of the crowd*”, as observações de Benjamin têm mostrado ter conseqüências muito importantes para a leitura dos contos de detetive.

Os três contos de detetive de Edgar Allan Poe foram publicados entre 1841 e 1844 em periódicos norte-americanos da época, e são considerados os mais antigos do gênero. O primeiro deles, “*Murders in the rue Morgue*”, já apresenta os elementos característicos deste tipo de literatura que influencia diversas produções artísticas até os dias de hoje: o crime de assassinato, o mistério sobre a identidade do criminoso, o detetive independente — Dupin, que investiga o caso à margem do trabalho empreendido pela polícia —, a visita ao local do crime, o levantamento e a análise de pistas, e a solução do mistério sobre a autoria do crime ao final.

Talvez por ser o primeiro conto de detetive de Poe, tendo desempenhado um papel importante em sua busca de definir uma nova forma de narrativa, “*Murders in the rue Morgue*” é único dos três que possui todos estes elementos constitutivos do gênero. Em “*The mystery of Marie Rogêt*”, a solução do mistério não é revelada ao leitor; o conto se encerra quando Dupin, depois de ter exaustivamente lido e refletido sobre o caso, afirma que já sabe quais passos seguir para finalmente resolvê-lo. Isto gera uma quebra de



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

expectativa do leitor, mudando a relação que ele tem com o texto; por isso, certamente não foi uma escolha inocente do autor. Já em “*The purloined letter*”, no qual o crime não é um assassinato, mas o roubo de uma carta importante, a identidade do criminoso já é conhecida desde o início, e o mistério restringe-se ao lugar onde este teria escondido a carta. Além disso, a investigação aparece no conto de uma maneira muito peculiar, *a posteriori*, contada pelo detetive depois de ter resolvido o caso e entregue a carta à polícia. Assim, a narrativa força a atenção do leitor a se desviar do objetivo final da investigação — que é a solução do mistério — para o seu processo. Não basta saber onde estava a carta; a pergunta aqui é “**como** ele descobriu isso”? Mais do que simples mudanças na forma, o que se observam aí são verdadeiras experimentações formais, que revelam as tentativas do autor no sentido de lidar com o conteúdo histórico que se apresentava diante de seus olhos. Os apontamentos que se seguem constituem um mapeamento desse conteúdo e o levantamento de questões importantes suscitadas no estudo de suas relações com o material literário estudado.

Paris, a capital do século XIX para Benjamin, é o lugar em que se ambientam os três contos, e em todos a ação é intrinsecamente relacionada ao ambiente e à sociedade da metrópole. A cidade tem especial importância como espaço das ocorrências surpreendentes e assustadoras, da troca de informações e da circulação de pessoas de diferentes nacionalidades e classes sociais. Periódicos do século XIX nos Estados Unidos referiam-se com alguma frequência a cidades e personagens europeus, em demonstrações de uma grande valorização da cultura daquela região — o que pode levar a crer que tal valorização era um traço cultural comum na sociedade em que Poe viveu. Portanto, sua opção por ambientar os três contos em Paris não parece ter sido por acaso.

Benjamin dá a medida da importância que tem a cidade no conto de detetive quando afirma que “o conteúdo social primitivo do romance policial é a supressão dos vestígios do indivíduo na multidão da cidade grande”¹. Este dado é essencial nos contos analisados, mas as circunstâncias em que ele se dá em cada um são diversas, revelando assim a variedade dos modos de atuação da multidão, ou da massa, na realidade da metrópole.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Em “*Murders in the rue Morgue*”, a identificação do assassino é dificultada pelo fato de a cidade ser freqüentada por uma grande quantidade de pessoas de origens diferentes: pessoas das mais diversas nacionalidades circulavam então em Paris, que já tinha um dos portos mais importantes da Europa na época, por onde se movimentavam mercadorias de e para diferentes partes do mundo — inclusive a América. Ao investigar sobre uma das vozes ouvidas na cena do crime na fatídica noite, o que seria um passo que poderia contribuir para a investigação da autoria do assassinato, cada testemunha acaba atribuindo à voz um sotaque de uma nacionalidade diferente. A divergência entre os depoimentos — e a plausibilidade de cada um deles — se torna um obstáculo à identificação do sotaque pela polícia. Asiáticos e africanos, diz Dupin, não existiam em Paris em grande número; em contrapartida, circulava na cidade uma enorme quantidade de pessoas oriundas das principais localidades européias: alemães, ingleses, espanhóis, italianos, russos. Todos esses sotaques chegaram a ser atribuídos à misteriosa voz. E foi justamente esta grande divergência de suposições que levou Dupin a suspeitar que talvez ela nem sequer fosse uma voz humana.

Em “*The mystery of Marie Rogêt*”, a multidão desempenha um papel decisivo por sua interação com o espaço urbano. Os suspeitos pelo assassinato da *perfumery-girl* são vários, bem como as possibilidades de motivação do crime. Neste conto, durante a investigação sobre o local do crime, os espaços aparecem como refúgio para os diversos grupos de pessoas que circulam na cidade e em seus arredores, e este dado se constitui em um elemento importante da investigação. Na cidade moderna, como ela aparece no conto, encontrar um lugar recluso é praticamente impossível. Dupin diz que mesmo o amante da natureza está preso à poeira e ao calor da cidade, pois, ao ir encontrar-se com o verde em algum dos recantos mais distantes dos grandes centros, nos bosques que os rodeiam, este indivíduo certamente vai se deparar com bandidos — evidência do aumento da criminalidade no período. Quanto mais densa a mata, mais os bandidos ali se amontoam, transformando assim esses recantos em “templos mais profanados”² — expressão utilizada por Dupin que revela resquícios de uma visão romântica da natureza, como algo originariamente puro e sagrado, que acaba denegrado pela crueza do que há de abjeto na



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

sociedade moderna. Assim, a metrópole poluída, contraditoriamente, constitui-se no refúgio deste indivíduo que ama a natureza, pois sua poluição é de tipo menos inconveniente, impróprio, absurdo — e, conseqüentemente, menos odioso do que o perigo escondido na mata.

No fim de semana, estas áreas mais distantes são procuradas pelos criminosos ainda mais do que durante a semana. Não por amor ao contato com o ambiente natural, com as árvores e o rio, pois de fato odeiam isso tudo; mas porque essas áreas se constituem em uma alternativa de fuga dos limites e das convenções da sociedade. Ali, eles procuram uma liberdade licenciosa que não encontram dentro dos limites da cidade, que lhes permita aproveitar a companhia de seus semelhantes e sua escandalosa alegria forjada — filha da libertinagem e do rum.

No conto, estas circunstâncias servem de impedimento, segundo o argumento de Dupin, para a hipótese de os objetos de Marie encontrados no suposto local do crime terem estado lá desde o seu desaparecimento, por quase um mês, até o dia em que foram encontrados. Para ele, é mais provável que o assassinato não tenha acontecido no mesmo dia do seu sumiço, ou ainda que os objetos tenham sido deixados lá *a posteriori*, para ludibriar a investigação.

Em “*The purloined letter*”, não se pode dizer que a massa como tal tenha uma participação ativa, diferente do que acontece nos outros dois contos. Não há apagamento da identidade do criminoso em nenhum momento; pelo contrário, o chefe de polícia já sabe quem roubou a carta, e já informa Dupin a respeito logo de início. Até se pode afirmar que o homem que dispara uma arma no meio da rua — contratado por Dupin, no dia em que ele vai buscar a carta no escritório de D. e substituí-la pela carta falsa — tem a identidade escondida na multidão; não se sabe quem ele é, e muito menos se suspeita a serviço de quem ele está. Mas ele não é um criminoso. Neste conto, a polícia é que age de maneira semelhante ao que Benjamin descreve como a massa tal como ela aparece em Poe — este ponto é discutido adiante. A própria investigação que se dá em “*The purloined letter*” tem objetivo



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

completamente diverso dos outros dois contos: neles, o detetive busca identificar o criminoso, que é um assassino; aqui, como o criminoso é desde o início conhecido, o mistério é *onde* está o objeto roubado. Isso parece apontar de fato para uma especificidade deste conto, o que inescapavelmente deve ter um impacto no tipo de tratamento dado ao seu conteúdo social.

Poe enxerga as massas de maneira uniformizante. Esta proposição de Benjamin tem consequências muito relevantes para a leitura do conto “*The purloined letter*”, o último conto de detetive escrito por Poe, especialmente para uma problematização do papel que desempenha no conto o chefe de polícia — chamado apenas de G. Este personagem aparece nos três contos, mas, nos dois primeiros, são poucas as referências que se fazem a ele ou à polícia em geral. Mesmo assim, já é possível perceber uma crítica à sua forma de atuação em diversos comentários de Dupin, enquanto estuda os casos. Mas é no último dos contos com o detetive que se encontra a maior discussão a respeito da conduta e dos métodos do chefe da polícia parisiense.

Dupin critica o trabalho de G., cujos procedimentos não parecem dar conta da realidade bem à sua frente, já que traz para o detetive um caso que não tem conseguido resolver por si só. Sua técnica é a regra — sendo o método do chefe de polícia, é o método da própria polícia como instituição. Ele age de maneira reflexa, como se seus métodos pudessem ser aplicados a todos os crimes, independente de quem seja o criminoso e de quais sejam as demais circunstâncias do caso. Portanto, G. e sua equipe agem como autômatos, como os operários que “aprendem a coordenar seu ‘próprio movimento ao movimento uniforme, constante, de um autônomo’”³, revelando a “natureza absurda da uniformidade com que Poe pretende estigmatizar a multidão. Uniformidade da indumentária, do comportamento e, não menos importante, a uniformidade dos gestos”⁴. Benjamin fala neste trecho dos transeuntes em “*The man of the crowd*”; contudo, é uma automação dos gestos da mesma natureza que se observa na aplicação de certo método de investigação pela polícia. Isto é especialmente interessante porque, como dito anteriormente, a massa como tal não desempenha de fato um papel em “*The purloined letter*”: o enredo conta os relatos e ações



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

de G. e sua equipe, de Dupin, do narrador e do ministro D. Onde está a multidão nessa lista? Refletindo sobre a observação feita por Benjamin, é possível afirmar que os policiais, inclusive considerando sua posição social dentro deste grupo de personagens atuantes no enredo, são representantes da massa neste conto, até no sentido de serem alienados do método e do próprio objeto que procuram — a carta, que será restituída à verdadeira dona, mediante o devido pagamento. De fato, os policiais são os únicos trabalhadores aqui: Dupin e seu amigo passam seus dias dentro da biblioteca, refletindo sobre casos passados e fumando seu aristocrático *meerschaum*, não realizando nenhum tipo de trabalho formal; uma nobre é a dona da carta; e é também um nobre o homem que a rouba. E este, conforme Dupin conta no seu relato do resgate da carta, é o homem mais esforçado do mundo — mas apenas quando ninguém está olhando.

A crítica que se faz, portanto, é ao método de trabalho alienado, automatizado e irrefletido realizado pela polícia, que representa a massa neste conto. Como uma máquina em uma fábrica, este método impõe o ritmo do trabalho de quem faz uso dele. Nesta linha, com seu detetive Dupin, Poe propõe que um novo método de trabalho é necessário, que exige o uso da inteligência crítica e ativa e da intuição — portanto, um envolvimento com o processo de trabalho de natureza totalmente diversa. E Dupin, como o herói que entrega a solução do mistério para a sociedade e restabelece a ordem, encarna este método. É isso que permite que Benjamin afirme que a literatura policial, conforme desenvolvida por Poe, “ainda não glorifica o criminoso, mas sim os seus adversários e, sobretudo, o terreno onde se desenrola a caçada”⁵, sendo este a própria cidade.

Todos esses comentários de Dupin sobre a investigação de G. e a sua própria constituem-se essencialmente em comentários de Poe sobre o método do conto policial. Ele ensina os passos a ser seguidos para a construção de um conto que atenda a tudo o que ele postula ser essencial a este gênero — brevidade, totalidade, unidade de efeito —, fazendo uso de todos esses recursos para falar de certo aspecto da sociedade que ainda não tinha recebido tratamento literário semelhante. Isso tudo é também, conseqüentemente, um anúncio de uma maneira de entender o mundo e o próprio papel do escritor neste mundo. Como



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

indivíduo inserido e precisando sobreviver dentro do sistema, ele vivia na própria pele a necessidade de dinheiro, e a mercadorização da literatura era uma exigência essencial que lhe garantiria a renda necessária para seu sustento. Para isso, seria conveniente desenvolver uma técnica de escrita que resultasse em produções que tivessem valor comercial, por ser atraentes e envolventes. Não se pode esquecer que uma das principais características do conto policial é seu potencial de prender a atenção do leitor e, assim, atrair leitores para os periódicos em que se publicavam.

A partir desse dado, é possível supor que a estigmatização da massa apontada por Benjamin como característica da escrita de Poe é uma referência à própria alienação própria do trabalho nas fábricas, mas também do próprio trabalho do escritor, que precisa produzir um certo número de textos em um prazo determinado pelo editor do periódico para o qual escreve, procedimento também em certa medida realizado de maneira repetitiva e mecanizada. Este procedimento era bastante conhecido por Poe.

A este propósito, é interessante comentar o que Benjamin fala sobre o estágio de desenvolvimento da indústria cultural literária por volta de 1830. Neste período, na França, a literatura tinha espaço garantido nos periódicos. Estes só podiam ser adquiridos por assinantes, cujo número vinha aumentando muito devido à redução no preço das assinaturas e à publicação de literatura, estratégias empregadas com o objetivo de atrair mais leitores. Nos Estados Unidos, também se disseminava o hábito de leitura dos periódicos. A literatura também já era parte integrante dos periódicos norte-americanos de então. Grande parte da obra de Poe foi publicada em revistas da época. Foi neste contexto que se deu o surgimento de gêneros literários que se ocupavam dos elementos inquietadores e ameaçadores da vida urbana: na França, a literatura panorâmica; nos Estados Unidos, o conto policial. Segundo Benjamin, este é o tipo de literatura ao qual “pouco lhe importa a determinação de tipos; ocupa-se, antes, com as funções próprias da massa na cidade grande” — circunstância que se buscou demonstrar nos comentários sobre os contos feitos até aqui —, em um momento em que “a massa desponta como o asilo que protege o anti-social contra os seus perseguidores”⁶.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A notícia em si ocupava pouco espaço no jornal, mas era devida a ela a variação diária na diagramação e no conteúdo do jornal. Fofocas, curiosidades e acontecimentos da cidade eram temas frequentes. A intrínseca relação entre a mídia escrita e a origem dos contos de detetive aparece em dois dos contos estudados, em que os jornais são motores do próprio enredo.

Em “*The mystery of Marie Rogêt*”, as notícias de jornal desempenham papel central na narrativa. Para Benjamin, “esse conto é, ao mesmo tempo, o protótipo do aproveitamento de informações jornalísticas no desvendamento de crimes. Aqui, o detetive de Poe, o cavalheiro Dupin, não trabalha com base nas aparências, nas observações pessoais, mas sim nas reportagens da imprensa diária. A análise crítica das reportagens fornece os alicerces da narrativa”⁷. Dupin desenvolve toda a sua investigação com base na leitura dos jornais que se publicaram sobre o caso. Ele analisa os textos, as evidências, as hipóteses de alguns periódicos, e constrói as suas próprias com base em sua observação deste material. O detetive sequer visita o suposto local do crime.

O jornal *Le Commercial*, uma das primeiras fontes de informação sobre o crime para Dupin, publica que dificilmente Marie teria andado por muito tempo sem ser vista por alguém conhecido. No entanto, Dupin relativiza esta hipótese, descrevendo-a como a hipótese de um homem que circula sempre entre os mesmos meios, encontrando-se e relacionando-se sempre com as mesmas pessoas, de interesses e rotinas semelhantes. Ora, esta crítica ao editor do jornal é semelhante à que ele faz ao método de trabalho da polícia francesa, que também toma como verdade absoluta determinada forma de entender o mundo, sem considerar o problema tratado em suas nuances específicas. É justamente a possibilidade de caminhar na cidade como um ser anônimo que teria possibilitado o desaparecimento de Marie; para Benjamin, esta é a mesma raiz do poema “A uma passante”, de Baudelaire: só a impossibilidade de identificação da mulher em meio à turba permite a sua passagem efêmera e tão marcante.



Recordando a

Walter Benjamin

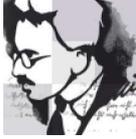
Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Em “*Murders in the rue Morgue*”, o jornal é a primeira fonte de informação sobre o crime para Dupin e seu amigo. É por meio de uma edição vespertina da *Gazette des Tribunaux* — um importante jornal francês da época — que eles ficam sabendo do ocorrido. No dia seguinte, eles tomam conhecimento, também pelo jornal, dos depoimentos tomados pela polícia. E o contato com o periódico tem ainda maior relevância para o desenvolvimento da narrativa pelo fato de que foi a partir das informações lidas que o detetive desenvolveu sua hipótese: era justamente onde o crime mais assustava por seu horror, e paralisava as mentes sensibilizadas, que residia a chave para sua solução. Só com essa hipótese em mente o detetive e seu amigo vão visitar a cena do crime, onde Dupin confirma algumas suspeitas e de onde já sai com a conclusão de que as vítimas foram assassinadas por um orangotango. Logo em seguida, decidido a encontrar o dono do animal, Dupin faz publicar um anúncio no *Le Monde*, na época um jornal que era bastante lido por marinheiros. Portanto, é também um jornal que permite a resolução do caso.

A relação estabelecida por Benjamin entre o *flâneur* e o detetive também ilumina importantes circunstâncias que estão na origem do conto de detetive. Para ele, o *flâneur* se torna um detetive à medida que observa a cidade e os mal-feitores — procedimento que lhe é socialmente interessante, pois assim justifica sua ociosidade. O detetive encontra sua condição de existência quando cada um tem em si também um pouco de conspirador. Antes disso, este personagem não poderia sequer ser imaginado. “Assim, o detetive vê abrirem-se à sua auto-estima vastos domínios”⁸, como diz Benjamin. A cena inicial de “*The purloined letter*” retrata um momento de ócio quase sem comparação em qualquer um dos contos. Dentro da biblioteca, Dupin e seu amigo fumam, em silêncio, confortavelmente instalados na escuridão da biblioteca. Em silêncio e indolentemente também ele ouve G, fazendo apenas alguns comentários no início de sua narração dos fatos, chegando a cochilar algumas vezes durante a fala do chefe de polícia. Mas tal indolência, como diz Benjamin, é apenas aparente, pois em momento algum Dupin desvia sua atenção do que é essencial no relato do chefe de polícia. De certa forma, sua indolência de fato se justifica neste ato, pois os excessos narrativos de G. em nada contribuiriam para o raciocínio do detetive e para sua compreensão da situação que lhe é apresentada.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria*.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Como gênero essencialmente da modernidade, o conto de detetive surge e se desenvolve ao longo da história da literatura ligado à cidade de maneira inescapável. Como os apontamentos apresentados neste artigo procuraram demonstrar, só a urbanidade tal como se deu ofereceu as condições de existência do detetive, personagem que sedimenta o conhecimento de que a realidade complexa diante de seus olhos apresenta um desafio para sua figurabilidade; desafio que esta nova forma surgiu como uma tentativa de abarcar.

¹ BENJAMIN, Walter. “Paris do Segundo Império” (1938) trad. José Carlos Martins Barbosa, In: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas vol. III, Brasiliense, São Paulo, 2000, p. 41.

² POE, Edgar Allan. “The mystery of Marie Roget” In: Selected Works. Gramercy Books, New York, 1985, p. 335.

A expressão usada em inglês é “*the temples most desecrate*”. A expressão em português usada neste artigo é encontrada em:

POE, Edgar Allan. Ficção completa e ensaios, trad. Oscar Mendes e Milton Amado, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997, p. 120.

³ BENJAMIN, *op. cit.*, p. 125. Benjamin cita aqui um trecho de *O capital*, de Karl Marx.

⁴ BENJAMIN, *op. cit.*, p. 125.

⁵ BENJAMIN, *op. cit.*, p. 39.

⁶ BENJAMIN, *op. cit.*, p. 38.

⁷ BENJAMIN, *op. cit.*, p. 41.

⁸ BENJAMIN, *op. cit.*, p. 38.